

A (des)construção representacional do partido dos trabalhadores na revista *Veja*

The (de)construction representational party workers in *Veja* magazine

Patrícia Duarte de Britto¹

Maria Célia Cortêz Passetti²

RESUMO: Neste artigo refletimos sobre o papel da mídia na construção/desconstrução de representações sociais. À luz da Análise de Discurso de linha Francesa, nosso objetivo é compreender discursivamente como a mídia cria, recria e legitima, enquanto efeitos de sentido, uma representação social do Partido dos Trabalhadores (PT) a partir da crise de corrupção ocorrida no governo de Luís Inácio Lula da Silva em 2005. Recortamos como material de análise - a partir de um arquivo temático de capas da revista *Veja* sobre o PT - a edição de n. 1923, de 21/09/2005. Levantamos diagnósticos de discursividade nas materialidades lingüística, imagética e sócio-histórica a partir dos eixos intradiscursivo e interdiscursivo, detectando a heterogeneidade de vozes e redes de memória discursiva em que velhos e cristalizados discursos acerca do PT foram retomados para re-significar, em face de um particular contexto sócio-histórico e ideológico. Ao final do processo analítico percebemos que vozes conflituosas, dissonantes e heterogêneas relativas a uma antiga representação do partido foram deslocadas, negadas e comparadas, alimentando e nutrindo uma nova representação social do PT, que tem a capacidade de apagar, transformar, promover e consolidar as relações do partido na trama da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Representações sociais. Heterogeneidade enunciativa. Memória discursiva.

ABSTRACT: In this article we reflect about the role of media in construction/deconstruction of social representations. Based on French Discourse Analysis, our purpose is to understand discursively how the media creates, recreates and legitimizes, as effects of meaning, a social representation of *Partido dos Trabalhadores* (PT), starting from the corruption crisis during the government of President Luís Inácio Lula da Silva in 2005. We selected as material of analysis - a thematic file of cover stories from *Veja* magazine about PT – Abril Publishing House,

¹ UEM

² UEM

1923rd edition, Sept. 21, 2005. We pointed diagnoses of discursivity in linguistic, imagetic and socio-historical materialities and from intradiscursive and interdiscursive axes, we detected a heterogeneity of voices and a discursive memory networks where old and crystallized speech about PT was reused in order to re-signify in face of a particular socio-historical and ideological context. By the end of the analytical process, the conflicting, dissonant and heterogeneous voices associated with an old representation of the party were then found in process of removal, denial and comparison nourishing a new social representation of PT, potentially able to erase, transform, promote and strengthen the relationships of the party with society's plot.

KEYWORDS: Discourse. Social representation. Enunciation heterogeneity. Discursive memory.

Considerações Iniciais

O presente artigo centra-se na temática do imaginário social e, portanto, na construção das representações sociais. À luz dos dispositivos teóricos da Análise de Discurso de Linha Francesa e tendo como principal referência os estudos de Michel Pêcheux, refletimos sobre o papel da mídia na construção/desconstrução de representações sociais. Nosso objetivo é analisar discursivamente como a mídia formula e reformula - de maneira heterogênea e por meio de sua materialidade lingüística, imagética e sócio-histórica - efeitos de sentidos concernentes a uma representação social do Partido dos Trabalhadores, doravante PT, a partir do marco que representou para a sociedade brasileira a crise de corrupção ocorrida no governo federal de Luís Inácio Lula da Silva, durante o ano de 2005.

O interesse pela pesquisa surgiu ao observamos que diversos construtos representacionais do PT vêm sendo formulados na mídia, com base em diferentes discursos, diferentes condições de produção sócio-históricas e ideológicas, assim como a diferentes imaginários sociais e interesses de certos grupos de poder, que têm atribuído ao partido divergentes significados. Atentamo-nos ao fato de que, ao longo das duas últimas décadas, os enunciados que carregam em si representações do partido foram veiculados pela mídia alicerçando-se em discursos, interdiscursos e imaginários sociais cristalizados, que fazem referência às bases político-ideológica socialista e comunista que compõem o Partido dos Trabalhadores. No entanto, percebemos

que, dados os escândalos que envolveram membros do PT em várias acusações de corrupção no poder executivo durante o ano de 2005, os discursos em torno do partido foram reformulados com base em diferentes imaginários sociais e interdiscursos, o que tem resultado na construção de uma nova representação social do PT.

Ainda assim, mesmo com o surgimento de uma nova representação social sobre o partido nesse novo contexto sócio-histórico de produção, notamos que os discursos, interdiscursos e imaginários sociais que sustentaram as antigas representações do PT nas duas últimas décadas não deixaram de circular, sendo recuperados para sustentar, em contraposição, uma nova representação que a mídia nacional, de modo geral, construía para a sociedade. O antigo imaginário social acerca do partido - considerado radical, extremamente contrário à corrupção, ao abuso de poder do Estado e sempre à favor das classes menos favorecidas - dividiu espaço com um novo imaginário sobre o PT, agora considerado corrupto, falso, traidor de sua pátria, servidor das elites, justamente pelo envolvimento de seus militantes em vários escândalos de desvio de dinheiro público.

Por meio dessas observações, levantamos o pressuposto teórico de que é esse ir e vir de imaginários sociais, movimentados pelo discurso e pelo interdiscurso - face aos diferentes contextos históricos e ideológicos de produção - o que caracteriza a atual representação do PT enquanto uma versão da realidade, ou seja, uma imagem não-fixa, mutável e fragmentada por um jogo de espelhos discursivos que ora a desloca, ora a regula. A nosso ver, são justamente esses discursos e interdiscursos - repletos de vozes do imaginário social e que se atravessam de maneira conflituosa, dissonante e inteiramente vinculada a diferentes momentos sócio-históricos e ideológicos - que caracterizam uma nova representação do Partido dos Trabalhadores veiculada pela mídia a partir da crise política ocorrida no ano de 2005. Acreditamos também que, tanto a nova quanto a antiga representação social do partido que circulam pelos meios de comunicação, tem o poder de influenciar sua inclusão/exclusão na trama da sociedade.

Para investigarmos tal pressuposto e levantarmos diagnósticos sobre esses embates discursivos, recuperando re-configurações dos trajetos de sentidos concernentes a uma representação social do PT num dado contexto de produção, elegemos como material de análise os enunciados verbais e imagéticos que compõem a capa da revista *Veja*, edição n. 1923, que circula desde 21 de setembro de 2005. Para considerarmos a particularidade discursiva dos enunciados verbais e imagéticos veiculados nesse momento histórico, lançamos mão dos dispositivos teórico-analíticos detalhados a seguir que, organizados em etapas, nos direcionam a um percurso que nos faz passar do texto para os enunciados verbais e imagéticos, e desses para o discurso.

Partimos do nível intradiscursivo, a fim de detectarmos a pluralidade de vozes que, em meio à retomadas intertextuais, caracterizam os enunciados enquanto objetos heterogêneos e que podem nos remeter ao nível interdiscursivo, ou seja, à heterogeneidade constitutiva, ativada por meio da memória social e das condições sócio-históricas de produção. É essa relação entre o nível interdiscursivo e o nível intradiscursivo que possibilita que a revista *Veja*, em uma posição-sujeito, re-signifique discursivamente em relação ao Partido dos Trabalhadores, dentro de uma diversidade de manifestações de sentidos que demarca as ações do tempo passado e do tempo presente e que pode a curto, médio ou longo prazo, apagar, transformar, promover e consolidar as relações sociais do partido.

As Representações Sociais como Modelares de Sujeitos e Instituições

Alicerçados em Moscovici (2004) compreendemos as representações sociais como um produto individual ou social, construído por meio de símbolos, de conceitos sobre algo ou alguém, seja um indivíduo, um grupo de pessoas ou uma instituição. Essas representações são produzidas a partir da observação que os sujeitos fazem do real, do concreto, isto é, do que existe de fato e de verdadeiro.

Interessante é destacar que essa observação que os sujeitos fazem do real não é realizada de forma direta, pois inclui experiências subjetivas, concernentes a redes de memória que evocam discursos e imaginários cristalizados ao longo dos tempos, os quais estão alicerçados em contextos ideológicos e sócio-históricos ativados em um indivíduo ou na sociedade pelo desejo e pelo poder.

Nessa perspectiva, podemos compreender que as representações comunicam versões do real e não o real, o concreto em si, já que são construções cristalizáveis no curso de relações afetadas pelo lugar social que cada sujeito ocupa em relação aos seus semelhantes; construções cristalizáveis via o simbólico e a linguagem, ou seja, por meio de discursos, textos e enunciados verbais e imagéticos, nos mais diferentes suportes de linguagem.

Para refletirmos sobre qual é a parcela de real das representações, devemos nos atentar para o fato de que uma representação é a construção de uma imagem pela qual os sujeitos traduzem e descrevem uns aos outros e instituições como pensam que esses são ou como gostariam que esses fossem, de acordo com crenças baseadas em formações imaginárias que ultrapassam o concreto e que são ativadas por meio de um processo que envolve a subjetividade.

Assim sendo, podemos afirmar que as representações sociais são, em relação ao concreto, visões de mundo, versões dos fatos dadas por sujeitos que buscam legitimar suas posições, interesses, ideologias e valores. Apesar de serem construídas enquanto algo que parece seguro, verdadeiro, as representações podem ser consideradas o “duplo” de uma realidade e tomadas como “máscaras”, como aparência do real, ou seja, produto de interpretações, conforme Moscovici (2004).

Ainda que as representações sejam apenas “fragmentações” do concreto, é importante refletir que o modo como os sujeitos pensam e agem depende da forma como apreendem o mundo, o que se dá, justamente, a partir dos imaginários e das representações sociais. Dadas como verdadeiras, elas passam a ter um caráter universal, evidente, inquestionável, já que são sustentadas por dados/fatos discursivizados.

A mídia, por exemplo, enquanto suporte de linguagem, é considerada por Cardoso & Malerba (2000) como um cenário social que expõe as representações sociais e têm a capacidade de - pelo simbólico e pelo discurso - apagar, transformar, promover e consolidar imaginários, influenciando as ações e posições dos sujeitos e dos grupos sociais. Como formadores de opinião, os meios de comunicação transmitem idéias e impõem sentidos cristalizados aos sujeitos-interlocutores mediante seus "produtos" representacionais - programas, análises, enquadramentos, fotos, comentários, notícias, reportagens etc. - mantendo algumas representações sociais e construindo outras novas representações, o que permite que estratégias de controle e poder ideológico se realizem.

Já o profissional da comunicação, responsável pela organização do discurso midiático, ocupa determinadas posições-sujeito que sofrem algumas determinações da ordem da exterioridade. Por exemplo, ao inscrever-se num determinado lugar discursivo, esse sujeito-enunciador está, na verdade, determinado por uma rede de formações imaginárias (PÊCHEUX, 1993), ou seja, regras de projeção que designam os lugares que os sujeitos atribuem a si e aos outros, bem como, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro, o que estabelece relações entre situações objetivamente definíveis e posições representadas nessas situações. Na mesma perspectiva, o sujeito-enunciador é determinado por uma rede de formações ideológicas, que constituem um "[...] conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem "individuais" nem "universais", mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras" (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 166). A partir dessas formações, o sujeito é motivado pelas crenças de determinados grupos, os quais buscam legitimar ou não posições e valores ideológicos que estão em jogo no processo sócio-histórico.

O Discurso e sua Constituição Heterogênea, Histórica e Ideológica

Nosso ponto-chave para refletir sobre o processo do construto discursivo representacional do Partido dos Trabalhadores parte do fato de que as representações sociais surgem e se alimentam a partir de outras representações e de que é justamente o discurso - enquanto prática que provém da formação de saberes em articulação com o poder (ORLANDI,1999) – que ora desloca, ora regula essas representações, por meio de vozes cruzadas, complementares, conflituosas, concorrentes e dissonantes.

O discurso se constitui pela existência de outros discursos anteriores, pelo “já dito” anteriormente em outros momentos históricos e em outros lugares sociais, o que nos leva a considerar, segundo Authier-Revuz (1990), que as palavras são sempre e inevitavelmente as palavras dos outros e que nenhuma palavra é neutra, mas “carregada”, “ocupada”, “habitada”, “atravessada”, pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada. Assim sendo, as representações sociais, em sua produção discursiva, são formuladas e reformuladas por uma multiplicidade de vozes presentes em cada enunciado que, determinados pela exterioridade, constituem-se em objetos heterogêneos, históricos e ideológicos. É nesse espaço de tensão, de lutas entre os enunciados e entre os discursos que as vozes se centralizam e descentralizam, a partir da dialogicidade de todo dizer.

Esse dialogismo é posto para o círculo bakhtiniano (BAKHTIN, 1992) sobre três aspectos diferentes: a) todo enunciado se orienta por um já-dito filiando-se a discursos anteriores; b) todo dizer é uma resposta que contém a indicação de um acordo ou desacordo em maior ou menor nitidez; c) todo dizer é heterogêneo, ou seja, é uma articulação de várias vozes sociais. Tais aspectos nos remetem à alteridade, à inserção da voz do outro no discurso que, a partir da heterogeneidade enunciativa, se bifurca nos eixos do interdiscurso e do intradiscurso, podendo ser dividida e classificada, conforme Authier-Revuz (1990), em heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada.

No eixo do intradiscurso, ou seja, no nível da formulação e do registro das marcas lingüísticas presente no texto está a heterogeneidade mostrada,

que compreende o fato de que o sujeito-autor utiliza-se de uma pluralidade de vozes expressas no texto, registrando-a ou demonstrando-a através de marcas lingüísticas nítidas, como uma "estratégia" pela qual se altera a unicidade aparente da cadeia discursiva. Authier-Revuz (1990), divide a heterogeneidade mostrada em dois tipos: marcada e não-marcada.

Quando o sujeito do discurso utiliza-se da forma marcada de heterogeneidade mostrada, expressa a existência de uma voz inserida à sua, exibindo o discurso citado como se fosse algo exterior ao "seu" discurso. Trazemos como exemplo a citação, as aspas, o itálico, o discurso direto, o discurso indireto etc., nos quais o sujeito-enunciador parece reforçar e assegurar uma espécie de "eu sei o que digo e sei quem fala", já que a responsabilidade pela palavra é dada ao outro.

Já na heterogeneidade mostrada não-marcada o sujeito-enunciador, numa aparente homogeneidade do texto, utiliza a presença do outro em sua fala de forma implícita, no nível do semi-desvelado e do sugerido, não havendo uma fronteira nítida entre a fala do locutor e a fala de outrem. Esse é o caso da ironia, do discurso indireto livre, da antífrase, da alusão, da imitação, da reminiscência, das metáforas, enfim, dos não-ditos que acabam por ser ditos de outra maneira.

No eixo do interdiscurso, ou seja, no nível do conjunto de dizeres já-ditos anteriormente e construídos em outras circunstâncias e momentos sociais, históricos e ideológicos que determinam o que dizemos e que possibilitam efeitos de sentidos, está o que é da ordem da constituição discursiva, isto é, da heterogeneidade constitutiva, inscrita no discurso de forma não demarcada lingüisticamente e detectada por meio de uma memória discursiva constituída de saberes, conhecimentos e de crenças sobre o mundo e ativada pelo que, conforme Halbwachs *apud* Davallon (1999, p. 25) "[...] ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade".

A Construção Discursiva de uma Representação

A produção de nosso material de análise se deu durante a crise política sofrida pelo governo brasileiro do presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT). Essa crise é decorrente do estouro de denúncias sobre o envolvimento de líderes do governo, parlamentares e membros do partido em várias acusações de corrupção, com destaque para o denominado Escândalo do Mensalão, uma variante da palavra mensalidade, usada para se referir a uma então suposta propina paga a deputados federais para votarem a favor de projetos de interesse do poder executivo.

O Escândalo do Mensalão envolve não somente o escândalo provocado pela denúncia de compra de votos, mas remonta ao ano de 2002 com a morte do então prefeito de Santo André - SP, Celso Daniel (PT) e com as denúncias de corrupção nessa mesma prefeitura. Esse escândalo relaciona-se também ao estouro do Escândalo dos Bingos, ocorrido no ano de 2004. Todos esses crimes juntos, de alguma forma ou de outra se relacionam e, em meio à eles, há uma acusação de que foram montados esquemas clandestinos de arrecadação financeira para campanhas políticas do PT.

Tais crimes de corrupção chocaram à maioria da sociedade brasileira e marcaram negativamente a imagem do Partido dos Trabalhadores, o qual, durante mais de vinte anos, teve um histórico de reivindicação à favor do povo e, aparentemente, sempre se pautou pela ética e pela honestidade, condenou e acusou os governos passados de atos corruptos, além de lutar pela instauração de CPIs, manter a aproximação com os movimentos sindicais e com antigos setores da esquerda brasileira, a partir do socialismo como forma de organização social. Proveniente desse contexto, o que mais surpreendeu a sociedade nos escândalos de 2005 foram tentativas de abafamento e de proteção realizadas pelos dirigentes do PT perante os crimes de corrupção, numa série de atos contraditórios em relação à história de boa moral do partido.

É em meio a essas relações de lugar, de situação social e ideológica que nosso material de análise foi produzido. A capa traz como título-manchete o

enunciado ... *era vidro e se quebrou*. No subtítulo está o enunciado *A história de uma tragédia política*. No plano imagético, o símbolo do Partido dos Trabalhadores - uma estrela vermelha de cinco pontas marcada com a sigla PT em branco - está descaracterizada de sua forma tradicional e materializada sob a configuração de um vidro rachado ao meio.



A capa de *Veja* é composta, no eixo do interdiscurso, pela heterogeneidade constitutiva, que é direcionada pelas formações imaginárias e pelas condições sócio-históricas e ideológicas. Já no eixo do intradiscurso, a heterogeneidade mostrada de forma marcada registra esses imaginários. Esses dois eixos se entrelaçam por meio dos enunciados verbais e imagéticos e estabelecem diferentes efeitos de sentidos, como explicitamos a seguir.

No eixo do intradiscurso, o enunciado ... *era vidro e se quebrou* torna explícita a presença de outras vozes, as quais emergem no texto a partir da heterogeneidade mostrada, marcada pela intertextualidade, ou seja, pelo “diálogo entre muitos textos da cultura no interior de um mesmo texto, sendo uma obra relacionada à outra obra, abstraídas de longas séries de textos [...] que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe”, segundo especifica Koch (1997, p. 46).

Essa intertextualidade pode ser observada pela apropriação que o sujeito-enunciador de *Veja* faz da cantiga de roda Ciranda Cirandinha, composição de um autor indeterminado e que já faz parte do repertório de nossa comunidade lingüística. No entanto, para que haja, por parte do sujeito-leitor, um reconhecimento da existência dessa mediação entre o fragmento do texto da revista *Veja* e o fragmento do texto da cantiga de roda, faz-se necessário, em seu universo histórico-social e cultural, o conhecimento da canção e a capacidade de compreender a função de sua remissão.

A apropriação que o sujeito-enunciador de *Veja* faz de um enunciado extraído da cantiga Ciranda Cirandinha compõe um texto novo. Isso porque, conforme Sant'anna (2004), ao agrupar, transcrever, fazer uma espécie de colagem do texto alheio, o sujeito-enunciador acaba por colocar os significados da cantiga de roda de cabeça para baixo, como numa espécie de "plágio", desvinculando-a dos sentidos dados pelo sujeito-autor e sujeitando o texto a uma nova leitura. Se levarmos em conta que o enunciado *... era vidro e se quebrou* pode estar inserido em diferentes contextos de produção, podemos carregá-lo de diferentes compreensões.

Pelas brincadeiras de rodas, pelos divertimentos entre crianças, pelos jogos de passatempo, os sentidos desse enunciado estão tradicionalmente cristalizados no decorrer dos tempos junto à memória discursiva. Nessas circunstâncias de entretenimento, os versos da cantiga "*... o anel que tu me destes era vidro e se quebrou. O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou*" remete-nos a um interdiscurso sobre brincadeiras de crianças, o que cria efeitos de sentido referentes à pureza e inocência dos amores de infância, quase sempre acabados pela falta de solidez e maturidade, próprias da fase adulta.

No entanto, nesse mesmo enunciado verbal, o eixo do interdiscurso provoca outros efeitos de sentido. Isso se dá em virtude da heterogeneidade constitutiva do enunciado, ou seja, em razão do diferente contexto histórico de produção e dos discursos que circularam na sociedade anteriormente. Esse diferente processo de produção social permite que o enunciado *... era vidro e se quebrou* seja re-significado e carregado de uma outra perspectiva, de uma

outra posição ideológica, o que cria um deslocamento de sentidos e torna o texto da cantiga de roda bivocal. Os elementos extraverbais como, por exemplo, a identidade e o papel do sujeito-enunciador, a esfera de circulação dos signos, o momento sócio-histórico, a ideologia e a situação específica da enunciação modificam, participam da construção dos novos sentidos e tornam o enunciado em análise constitutivamente heterogêneo.

No contexto particular de produção da capa de *Veja* surgem novos espaços para interpretação: ao nos depararmos com o enunciado verbal somos, automaticamente, remetidos à completude da canção: "*... o anel que tu me destes era vidro e se quebrou. O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou*". O substantivo *anel* evoca um interdiscurso acerca da aliança, do compromisso, da união que, na década de 80, fora estabelecida entre os próprios membros do partido e entre o partido e o povo brasileiro. Já o substantivo *vidro* remete-nos a uma memória discursiva relacionada à substância quebradiça, frágil e, em um gesto de interpretação, emergem efeitos de sentido sobre uma aliança política que, outrora forte, é agora quebradiça pela falta de caráter, falta de moral dos membros do partido e falta de amor pela pátria.

O uso das reticências, enquanto partícula de indeterminação do sujeito nos direciona a seguinte questão: Quem era vidro e se quebrou? Como se quebrou? Há um vazio para interpretação que é preenchido discursivamente e pelas redes de memória que o enunciado imagético evoca, a partir da apropriação que o sujeito-enunciador faz da estrela vermelha de cinco pontas que simboliza o Partido dos Trabalhadores.

Salientamos que, a fim de compreender os efeitos de sentido que surgem em meio a essa apropriação imagética, não recorreremos à simples descrição ou segmentação dos elementos visuais, mas buscamos observar também a imagem materializada na ideologia e como operadora de uma memória discursiva. Acreditamos que o enunciado imagético, enquanto operador de discursos e interdiscursos é utilizado em substituição aos recursos lexicais e gramaticais dos enunciados verbais sendo, portanto, um elemento indissociável na produção e sustentação dos sentidos.

A imagem apropriada pelo sujeito-enunciador de *Veja* permite, em sua discursividade, o surgimento de redes de memória acerca da oposição pedra X vidro e conseqüentemente, forte X fraco. A estrela-símbolo do PT, sobreposta sob o fundo negro, remete-nos a uma memória discursiva relacionada ao negativo, ao obscuro, ao contrário, ao oculto. O símbolo do partido, agora em terreno sombrio e sob forma de vidro, abre margem para que, no nível constitutivo, os seguintes sentidos sejam estabelecidos: o partido de aliança forte, preciosa, clara, transparente, positiva, composta de ética, solidez e honestidade, superior às alianças existentes entre e dentro dos partidos de oposição que praticavam atos ilícitos e corruptos, revelou-se agora como partido composto de uma aliança de vidro, quebradiça, frágil, suscetível, passível de erro, negativa, sombria, partida ao meio, destruída.

A oposição entre pedra X vidro nos possibilita outra interpretação, cujos efeitos de sentidos circulam as margens do dito popular "*Quem não tem teto de vidro que atire a primeira pedra*". Com base nessa memória discursiva somos remetidos ao PT, antes considerado pedra (partido de oposição) atirada contra o telhado frágil dos partidos corruptos. Esse mesmo PT, decorrente dos escândalos de corrupção, é agora o próprio telhado de vidro (partido de situação) em que os outros partidos atiram pedras de acusação.

O subtítulo em tom vermelho contém o enunciado *A história de uma tragédia política*. Interessa-nos observar o sintagma nominal *tragédia* e a cor vermelha que o compõe, enquanto instrumento de significação. O sujeito-enunciador remete o sintagma nominal *tragédia* ao Partido dos Trabalhadores por meio da cor vermelha, que evoca uma memória discursiva em torno de mais uma oposição sobre o partido: o vermelho das bases socialista e comunista X o vermelho do alarmante, do trágico, dos escândalos de caráter grandioso, dramático e fatal. A partir de uma posição-sujeito definida por uma formação discursiva político-ideológica de direita, o sujeito-enunciador refere-se a todo o percurso da crise política como sendo uma grande tragédia, uma grande fatalidade sem volta, uma derrota para as bases comunistas e socialistas do PT; uma instituição política dividida ao meio, derrotada, enfraquecida por um drama que é capaz de despertar no sujeito-leitor aversão

e repulsa, horror pelo partido e conseqüentemente, sua exclusão na trama da sociedade.

Esses efeitos de sentido em torno de uma nova representação do PT são capazes de demarcar os limites dentro dos quais as idéias e conflitos referentes ao partido se desenrolam e são resolvidos, neutralizando outras iniciativas. Os interdiscursos que sustentaram as antigas representações do Partido dos Trabalhadores afloram nesse particular contexto de produção e durante esse processo discursivo, como um espelho que desloca a imagem do PT para a regular em uma outra representação.

Pelo imbricamento entre os enunciados verbais e imagéticos afloram interdiscursos sobre a oposição pedra X vidro, socialismo e comunismo X trágico e alarmante. Os discursos e interdiscursos cristalizados que fundamentaram o antigo imaginário social acerca do partido emergem para serem, posteriormente, negados, construindo uma nova representação do PT. Mediante a negação, são formulados novos discursos, novos sentidos e um novo imaginário social do partido. A imagem de um PT radical, intolerante contra a corrupção e contra o abuso de poder do Estado é agora desfigurada mediante a representação de um partido fraco, rachado ao meio, corrupto, falso, traidor de sua pátria e servidor das elites.

É nesse jogo discursivo que as vozes conflituosas e dissonantes são deslocadas, negadas e comparadas, alimentando umas as outras e sendo inteiramente vinculadas às condições de produção a que pertencem. É nesse mesmo jogo que a antiga representação do partido nutre, alimenta uma nova representação. As estruturas enunciativas são convertidas em discurso e este, em uma nova representação do Partido dos Trabalhadores.

Esse novo construto representacional se dá justamente a partir do momento em que o sujeito-enunciador faz uma série de “escolhas” de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras, contando a história a partir de um determinado “ponto de vista”, conforme especifica Orlandi (1999). A partir dessas “escolhas” os textos são tomados como enunciados e transformados em discurso; a materialidade lingüística e imagética se inscreve na relação com a

exterioridade e abre espaços para que se “ouçam” as vozes conflituosas, dissonantes e heterogêneas do discurso.

Considerações Finais

Em 2005, durante o momento de descoberta do envolvimento de vários membros do PT em casos de corrupção, constatamos que os sentidos sobre o partido são instáveis. Na capa da revista *Veja*, edição de n. 1923, o tema foi objeto de enunciados polêmicos que deslocaram sentidos já tradicionalmente assentados, cristalizados.

O deslocamento de antigos sentidos se dá no eixo intradiscursivo devido ao uso da intertextualidade, mais especificamente, por meio da apropriação. Já no eixo interdiscursivo, novos sentidos se estabelecem a partir das redes de memória, de já-ditos em outros momentos, em outros lugares e que fizeram re-significar a representação do Partido dos Trabalhadores. A partir desses deslocamentos, uma nova representação do PT foi produzida e novos efeitos de sentidos passaram a circular na sociedade.

Por fim, ao levantarmos diagnósticos de discursividade pudemos observar que a instalação de uma nova representação não descarta a coexistência dos sentidos tradicionais. Cada enunciado, constituído de outras representações do partido, relaciona-se a outras séries de formulações, a outros discursos que se cruzam e que interligam o já-dito que, dito de outras formas, de outras maneiras e numa rede de memória discursiva, formula uma nova representação do PT. São as práticas discursivas e não-discursivas existentes nas materialidades de *Veja* que tornam possível a compreensão dos feixes de sentidos e que constituem, a nosso ver, a revista em um verdadeiro dispositivo representacional.

Salientamos que, ao interpretar como a discursividade acerca de uma representação do Partido dos Trabalhadores foi constituída e formulada na revista *Veja*, procuramos alcançar um estado de reflexão, conscientes de que

uma vez analisado, o material de análise permanece para novas abordagens, não se esgotando em nosso gesto de leitura.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: GERALDI, João Wanderley; ORLANDI, Eni de Lurdes Puccinelli. (orgs.) *O discurso e suas análises*. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, Editora da UNICAMP, n. 19, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (orgs). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papyrus Editora, 2000.

DAVALLON, Jean. A Imagem, uma Arte de Memória? In: ACHARD, Pierre. et al. *Papel da Memória*. Tradução de José Horta Nunes, Campinas: Pontes, 1999, p. 23-34.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

ORLANDI, Eni de Lurdes Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia Sampaio Correa Mariani. et. al., Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 61-162.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia Sampaio Correa Mariani. et. al., Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 163-252.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia*. ed. 7. São Paulo: Editora Ática, 2004.

VEJA, São Paulo: Editora Abril, v. 1, n. 1923, set., 2005.